

573 a dor pessoal é maior que as dores do mundo 14.2.2025

Escrevo propositalmente esta crónica no dia em que o mundo ocidental celebra o dia dos namorados ou de São Valentim e pela segunda vez desde 1995 passo o dia sozinho nesta nova condição ou estado civil de viuvez, que posso assegurar-vos é uma dor pessoal maior que todas as dores do mundo.

E digo-o sem medo de contradição, as dores do mundo podem ser sanadas com mais uma guerra, atômica ou convencional e meios similares, a dor pessoal não tem fim à vista, a não ser quando o mundo deixar de ter dores ou de existir.

Digo isto numa fase da vida em que o mundo que me rodeia parece ter enlouquecido de vez (para lá de todos os limites admissíveis, com Trump a querer fazer de Gaza uma nova Riviera sobre o sangue dos palestinianos e outros que ali morreram, a aplicar sanções económicas a todos os países como taxas de importação (o ricochete vai rebentar com vingança), a querer que o Canadá se torne num estado dos EUA (depois de há meses ter repudiado Porto Rico que é um Estado dos EUA), além disso quer comprar a dinamarquesa Gronelândia, diz à Ucrânia que pode vir (de novo) a ser russa, nomeia uma chefe de defesa (supervisiona CIA, FBI, etc.) que é pró-russa, e por tudo isto pergunto-me o que andamos todos aqui a fazer?

Não falo da corrupção lendária da Portugal, do seu despesismo inócuo, do fosso cada vez maior entre ricos e pobres, das desigualdades sociais, da injustiça da Justiça, da falta de saúde do SNS, da educação e de todos os demais setores em crise permanente.

Cresci, como sabem, numa ditadura. Havia até quem lhe chamasse branda, como brandos eram alegadamente os costumes do povo que a suportava. Cresci acreditando que um dia o país faria parte da Europa e do mundo, tão longe que bem podia pertencer a outra galáxia. Lembro-me de ir a Tui comprar discos dos Beatles ou beber Coca-Cola que em Portugal eram proibidas com medo dos miasmas contagiosos de civilizações estrangeiras. Depois, veio o dia de todas as esperanças, 25 de abril (quase sem mortes e com cravos na ponta das espingardas) e eu, em Timor, esperei, tardava a chegar (teria ido de barco?) e jamais arribou.

A Europa cresceu, o sonho da Europa unida medrou e cresceu descontroladamente, até ter mais olhos que barriga e ficar desesperadamente obesa na palhaçada que hoje é. Por toda a parte, uma após outra, as ditaduras iam sendo aniquiladas e substituídas por modelos de democracia onde alegadamente o povo e a sua vontade eram representados em parlamentos. Com a queda do Muro de Berlim e a glasnost a dar lugar a uma nova Rússia todos acreditamos que sonhar era isto, quando se tornavam realidade até na América Latina e América do Sul. Já o neoliberalismo da nova ordem mundial tinha disseminado sementes com a Thatcher e o Ronald Reagan, mas não sabíamos que isso iria perverter todo o ocidente.

Lentamente, nos últimos vinte anos assistimos a um constante retrocesso nas conquistas dos direitos fundamentais da humanidade: igualdade, solidariedade e justiça. Mais do que nunca as democracias estão a ser manipuladas criando a aparência de vontade popular através do voto universal, mas, na prática, substituídas por autocracias dos EUA, à Venezuela e dezenas de países, sem falar daqueles onde as escolhas democráticas foram substituídas por nomeações da grande e anónima banca internacional, do grande capital do petróleo às farmacêuticas que tudo controlam. Isto num mundo em que a verdade é ficção e a ficção é a neoverdade.

Umberto Eco, afirmava em *O Cemitério de Praga* e só então me apercebi de que como isto sempre aconteceu sem nos darmos conta. Entretanto, países que se habituaram a mandar e a serem os xerifes do universo, como os EUA (em substituição dos decadentes grandes impérios que duas grandes guerras aniquilaram) continuam a inventar invasões, primaveras políticas, depondo ditadores ou democratas a seu bel-prazer.

Há algo que sempre afirmei e reitero, mesmo que já não sirva para grande coisa, o 25 de abril trouxe-me o bem mais precioso: a liberdade de expressão, a mim que sou um individualista nato e jamais conseguiria viver numa autocracia. Dantes, os países democráticos tinham eleições os outros não (nem mesmo as mascaradas eleições do partido único em Portugal o ocultavam).

Hoje assistimos a um novo e preocupante paradigma, a semi-democracia onde existe a aparência de uma verdadeira democracia com eleições e tudo o mais, mas onde a realidade não está representada, com resultados viciados, roubo descarado de votos e tanta manipulação que o resultado é a via autocrática travestidas de democracia oca. O que temos assistido nas últimas

décadas é um ataque à democracia, e são as próprias instituições europeias quem mais tem atrofiado o funcionamento dos sistemas democráticos. E até mesmo eu, que sempre me considerei um otimista nato, tenho demasiadas dúvidas, rodeado como estou por autómatos não-pensantes, obcecados com os pequenos ecrãs dos smartphones e impérvios aos atropelos à dignidade, equidade e justiça que acontecem em volta.

Quando essa liberdade se perder, (e falta cada vez menos tempo) de facto só terei de me conformar e aceitar que me implantem um "chip" para o meu próprio bem, como nem George Orwell (1984 e o Triunfo dos Porcos) nem Aldous Huxley (Admirável Mundo Novo) conseguiram imaginar.

Só que dantes tinha na minha mulher e companheira com quem partilhar essa liberdade e a felicidade de estar vivo e hoje é apenas este corpo envelhecido que me resta. O meu mundo (como escrevi há décadas num poema) já não é um deserto com vozes, mas um mundo negro e silencioso, sem esperanças de um sol que me alumie. É por isso que **a dor pessoal é maior que as dores do mundo.**

Chrys Chrystello, Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 29 7713 [Australian Journalists' Association - MEEA]



dr.chryschrystello@journalist.com

**Diário de Trás-os-Montes (2005) - Diário dos Açores (2018) - Tribuna das Ilhas (2019) –
Jornal LusoPress, Québec, Canadá (2020) - Jornal do Pico (2021)**